



24110000023676

Estima-se que de um terço a metade das tropas farroupilhas fosse composta por contingentes negros, recrutados de acordo com instruções de 1837 da Secretaria de Negócios da Guerra, que permitiam a participação de homens brancos, pardos, indígenas e negros libertos com idade entre 18 e 35 anos.

Antes da criação dos Corpos de Lanceiros, em 1836 e 1838, já havia registros da presença de negros que participavam em diversas funções na Guerra dos Farrapos.

Um exemplo é Antonio Ribeiro, conhecido como o corneteiro oficial dos farrapos, que desempenhava a importante função de anunciar e sinalizar as ações das tropas. Embora não conste no inventário *post mortem* de Bento Gonçalves, provavelmente conquistou sua liberdade antes de sua morte.

*O corneteiro dos farrapos:
a importância dos Negros na Farroupilha*



Antonio Ribeiro, Corneteiro dos Farrapos e peão da esquadra de Bento Gonçalves.
Fim do século XIX. Acervo do Arquivo Histórico do RS



A obtenção da carta de alforria era uma das principais motivações dos homens negros escravizados que lutavam ao lado dos farroupilhas. Sua bravura e habilidade fundamental nos combates foram registradas por Giuseppe Garibaldi em suas Memórias.

Em 14 de novembro de 1844, ao final da Guerra Farroupilha, porém, o Corpo de Lanceiros Negros foi duramente derrotado nas proximidades do Cerro de Porongos. Muitos soldados foram mortos ou capturados pelas tropas imperiais.

O Massacre de Porongos ainda levanta debates sobre a suposta carta enviada pelo Barão de Caxias a Moringue, suspeitando da possível traição de líderes farroupilhas nas negociações de paz. Os lanceiros, em desvantagem logística e física, foram pegos de surpresa nesse ataque.

O Massacre ou Traição de Porongos

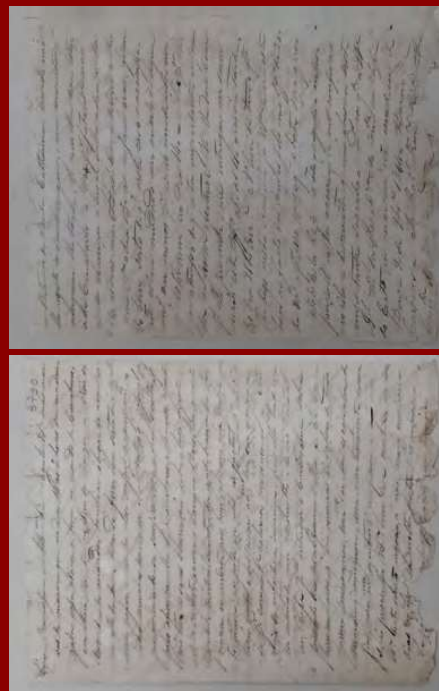




Cópia. Reservadíssimo. Ilmo. Sr. Regule V. As. Suas marchas de maneira que no dia 14 às 2 horas da madrugada possa atacar a força ao mando de Canabarro, que estará nesse dia no cerro dos Porongos [...]. Suas marchas devem ser o mais ocultas que possível seja, inclinando-se sempre sobre a sua direita, pois posso afiançar-lhe que Canabarro e Lucas ajustaram ter as suas observações sobre o lado oposto. No conflito poupe o sangue brasileiro quanto puder, particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro [...]. Não receie da infantaria inimiga, pois ela há de receber ordem de um Ministro e de seu General-em-chefe para entregar o cartuchame sobre [sic] pretexto de desconfiança dela. Se Canabarro ou Lucas, que são os únicos que saem de tudo, forem prisioneiros, deve dar-lhes escapula de maneira que ninguém possa nem levemente desconfiar, [...] V. Sa. Bem deve conhecer a gravidade deste secreto negócio que nos levará em poucos dias ao fim da revolta [...]. Quartel general da Presidência e do Comando-em-chefe do Exército em marcha nas imediações de Bagé, 9 de novembro de 1844. Barão de Caxias, Sr. Coronel Francisco Pedro de Abreu, Comandante da 8ª Brigada do Exército.

Reservadíssimo de Caxias [no verso]
(Anais do AIIRS, 1983, v.7, p. 30-31)

Carta de Porongos



"Carta de Porongos", Barão de Caxias, 1844. Acervo do Arquivo Histórico do IJS



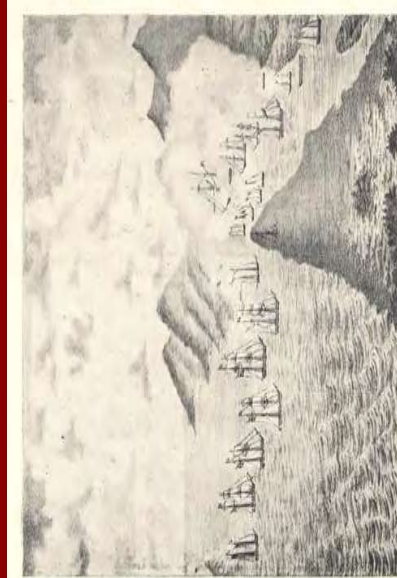
Durante uma década, as forças imperiais enviaram mais de 10 mil homens para a Província, enquanto os rebeldes não passaram de 3.600 em uma batalha.

As colunas de infantaria, artilharia e cavalaria podiam chegar a 1.000 ou 2.000 homens. A construção dos lanchões Seival e Farroupilha por Giuseppe Garibaldi permitiu a realização da expedição até Santa Catarina em 1839.

A guerra seguiu de forma crescente até 1840, com os republicanos sitiando Porto Alegre por três anos e reagindo nas batalhas de Rio Pardo. A partir de então, houve dificuldades relacionadas à falta de homens, armas e munições, o que resultou em mais confrontos e centenas de mortes de soldados em ambos os lados.

Os combates caracterizaram-se por atos de atrocidade e de bravura, que influenciaram as táticas de guerra nas décadas seguintes.

Os embates laranjeiros



Batalha Naval da Laguna

Batalha Naval da Laguna. Iconografia, Arquivo Histórico do RS



As batalhas entre farroupilhas e imperiais ocorreram na região fronteira entre São Pedro do Rio Grande do Sul e o Uruguai, antigamente conhecida como Vacaria del Mar.

A economia baseada na pecuária extensiva moldou as táticas de guerra, com destaque para o uso de cavalaria ligeira e armas brancas como facões, adagas e lanças. Além disso, trabucos, espingardas e canhões foram empregados.

Os indígenas, como Guarani, Charrua e Minuano, participaram ativamente na Guerra dos Farrapos, contribuindo com suas habilidades de doma de cavalos e combate. Reconhecidos como bons lacadores, os indígenas pampeanos se destacaram nos embates. Sua vestimenta se assemelhava à dos gaúchos, com chiripá, chapéu e botas de garrão de potro. (NEUMANN, 2014, p. 91-93; 105)



Campanha de fim de ciclo, fronteira, Arquivo Histórico do RS



Os guerreiros e suas armas



Charrua "Cachibos" (1854), por Auguste Delort. Arquivo
Histórico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNB/USP)



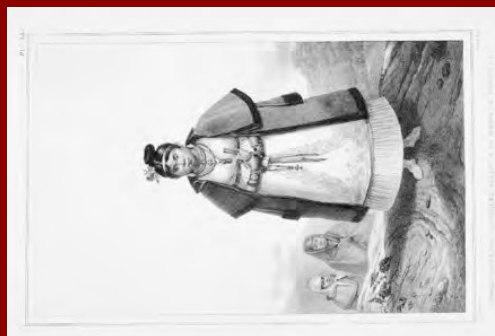
No século XIX, durante a Guerra dos Farrapos, a devoção e os rituais religiosos eram fundamentais na vida das famílias da elite farroupilha.

As mulheres que comandavam as estâncias tiveram papel crucial na manutenção do patrimônio familiar e das obrigações religiosas, como batismos e casamentos.

A Virgem Maria era fonte de inspiração, um modelo para as esposas e mães devotas. A maternidade, no entanto, era desafiadora. Os partos arriscados e práticas de saúde rudimentares levavam muitas mulheres a óbito.

A presença da Igreja na guerra era evidente e havia padres apoiando as causas farroupilhas. Alguns circulavam pela província atuando também como cuidadores ou “curadores”. Os cuidados de saúde eram realizados por diversos grupos, inclusive por mulheres Guarani que, a partir de seus conhecimentos tradicionais de medicina, prestavam assistência a feridos e doentes nos campos de batalha.

Apesar das dificuldades, a religião desempenhava um papel importante na vida social e no cotidiano dos envolvidos na guerra.



Mulheres Guarani civilizadas indo à missa no domingo, Jean Baptiste Debret, 1824. Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Cultura e José Mindlin (BBMLSP)



24110000023676

Após a Guerra, a literatura gauchesca surgiu na Argentina e no Uruguai, explorando o "gaúcho pampeano". No Rio Grande do Sul, essa figura foi associada à memória histórica da guerra contra o Império, para valorizar o patriotismo.

Os contos descreviam os costumes dos peões campeiros, ressaltando valores como bravura e amor pela liberdade. As primeiras obras documentais surgiram na década seguinte, enfocando o movimento farroupilha e destacando a província e seus combatentes.

A construção de uma memória pública da Guerra dos Farrapos continuou na década seguinte, com mais textos e monumentos sobre o tema. O esforço dos autores visava resgatar a importância desse período na história regional, enfatizando o protagonismo da província e dos combatentes farrapos na defesa do projeto republicano federalista.



Homem do Rio Grande - Paulista - Honrem de Santa Catarina, Jean Baptiste Debret, 1834. Acervo Digital da Biblioteca Brasileira Cultura e José Mindlin (DBAV-USP)



Campeiros, Proprietários de Tropas da Província do Rio Grande, Jean Baptiste Debret, 1833. Museu Castro Maya



Chaquegada do Brasil, Jean Baptiste Debret, 1837. Museu Castro Maya



Memória literária da Farroupilha



24110000023676

No início do século XX, houve um aumento na publicação de biografias e genealogias de personalidades farrapas. A organização e preservação de acervos particulares foram essenciais para validar a herança da Guerra, com destaque para as contribuições do historiador Alfredo Varela.

Nas décadas seguintes, os debates locais sobre a Guerra centraram-se em duas vertentes historiográficas: a platina, que admitia certas características separatistas e valorizava as ligações entre o Rio Grande e o Prata, e a lusitana, que ressaltava o caráter nacional do movimento farrapo, destacando a figura do gaúcho heróico.

Em 1935, o Centenário da Revolução Farroupilha foi celebrado com uma exposição no Parque Farroupilha, em Porto Alegre, reunindo obras de arte e peças do Museu Júlio de Castilhos. Esta celebração também incentivou a produção de selos, moedas comemorativas e despertou o interesse de colecionadores e pesquisadores no movimento farrapo.



*O Centenário da Guerra
e a constituição de coleções*



Vista aérea com destaque para o Pavilhão do Rio Grande à direita. O colégio Militar ao fundo e o edifício Lagoa à esquerda. 1935. <https://delic.museuonline.com.br/2020/03/03/o-que-ainda-existe-de-um-grande-evento-de-1935-na-regiao/>



A esquerda o pavilhão da Para. 1935. <https://delic.museuonline.com.br/2020/03/03/o-que-ainda-existe-de-um-grande-evento-de-1935-na-regiao/>



Pavilhão de Santa Catarina. 1935. <https://delic.museuonline.com.br/2020/03/03/o-que-ainda-existe-de-um-grande-evento-de-1935-na-regiao/>



Pavilhão do Rio Grande. 1935. <https://delic.museuonline.com.br/2020/03/03/o-que-ainda-existe-de-um-grande-evento-de-1935-na-regiao/>



O Lago. 1935. <https://delic.museuonline.com.br/2020/03/03/o-que-ainda-existe-de-um-grande-evento-de-1935-na-regiao/>



Entrada da exposição. 1935. <https://delic.museuonline.com.br/2020/03/03/o-que-ainda-existe-de-um-grande-evento-de-1935-na-regiao/>